

*Imagens do ambiente
natural e humano*
RIBATEJO *na literatura de ficção*
E ESTREMADURA

Ana Cristina Carvalho
Natália Constâncio
Maria da Graça Saraiva
Ana Lavrador-Silva
EDITORAS



Observatório
da Paisagem
da Charneca

BY THE
BOOK



Ana Cristina Carvalho



Natália Constâncio



Maria da Graça Saraiva



Ana Lavrador-Silva

AUTORAS | AUTORES

João Manuel BERNARDO | Ana Cristina CARVALHO | Natália CONSTÂNCIO
| Alexandre Magno FLORES | Ana LAVRADOR-SILVA | António Apolinário
LOURENÇO | Ada MILANI | Miguel REAL | Annabela RITA | Maria da Graça
SARAIVA | João Monteiro SERRANO | Vítor Pena VIÇOSO

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, DE CULTURA E DE AMBIENTE E CENTROS DE INVESTIGAÇÃO

- *Universidade Aberta*: CEG (Centro de Estudos Globais)
- *Universidade do Algarve*: CIAC (Centro de Investigação em Artes e Comunicação)
- *Universidade de Castilla — La Mancha*: Cátedra del Tajo
- *Universidade de Coimbra — Faculdade de Letras*: CLP (Centro de Língua Portuguesa)
- *Universidade de Évora*: Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento
- *Universidade de Florença*: DILEF (Departamento de Letras e Filosofia)
- *Universidade de Lisboa — Faculdade de Letras*: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias | *Faculdade de Arquitetura*: CIAUD (Centro de Investigação em Arquitetura Urbanismo e Design)
- *Universidade do Minho*: CECS (Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade)
- *Universidade Nova de Lisboa — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*: CICSNova (Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais) | IELT (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição)
- *Câmara Municipal de Almada*: Divisão de História Local e Arquivo Histórico
- *Observatório da Paisagem da Charneca*

RIBATEJO E ESTREMADURA

Literatura & Ambiente

Direção: Ana Cristina Carvalho

1. *Alentejo(s). Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*

Editoras: Ana Cristina Carvalho e Albertina Raposo

2. *Beira(s). Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*

Editoras: Ana Cristina Carvalho e Cristina Costa Vieira

3. *Minho, Douro e Trás-os-Montes. Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*

Editoras: Ana Cristina Carvalho, Isabel Fernandes Alves e Ana Luísa Luz

4. *Ribatejo e Estremadura. Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*

Editoras: Ana Cristina Carvalho, Natália Constâncio, Maria da Graça Saraiva e Ana Lavrador-Silva

Ana Cristina Carvalho
Natália Constâncio
Maria da Graça Saraiva
Ana Lavrador-Silva

EDITORAS

*Imagens do ambiente
natural e humano*
RIBATEJO *na literatura de ficção*
E ESTREMADURA

BY THE
BOOK

© **Edição:** By the Book, Edições Especiais

Título: Ribatejo e Estremadura: Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção

Editoras/Organizadoras: Ana Cristina CARVALHO, Natália CONSTÂNCIO, Maria da Graça SARAIVA e Ana LAVRADOR-SILVA

© **Autoria:** João Manuel BERNARDO (Univ. de Évora), Ana Cristina CARVALHO (FCSH, Univ. Nova de Lisboa), Natália CONSTÂNCIO (FCSH, Univ. Nova de Lisboa; Univ. do Algarve), Alexandre Magno FLORES (Câmara Municipal de Almada), Ana LAVRADOR-SILVA (FCSH, Univ. Nova de Lisboa), António Apolinário LOURENÇO (Fac. de Letras, Univ. de Coimbra), Ada MILANI (Univ. de Florença), Miguel REAL (investigador independente), Annabela RITA (Fac. Letras, Univ. de Lisboa; Univ. Aberta; Univ. do Minho), Maria da Graça SARAIVA (Observatório da Paisagem da Charneca; Fac. Arquitetura, Univ. de Lisboa), João Monteiro SERRANO (Cátedra del Tajo, Univ. de Castilla-La Mancha; Univ. de Évora), Vítor Pena VIÇOSO (Fac. Letras, Univ. Lisboa).

Revisão Científica (*Double-blind peer review*): Albertina Raposo (Inst. Politécnico de Beja), Ana Margarida Ramos (Univ. de Aveiro), Elisabete Gomes (Inst. Politécnico Setúbal), João Carlos Pereira (Univ. de Lumière - Lyon 2), Jorge Costa Lopes (Univ. do Porto), Josete Correia de Sousa (Univ. do Algarve), Leonor Coelho (Univ. da Madeira), Marcos Silva (Univ. Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Ceará), Paulo Nossa (Univ. de Coimbra), Santiago Perez Isasi (Univ. de Lisboa, Fac. de Letras), Vânia Rego (Univ. das Bahamas).

Fotografia: Adriano Miranda, António Apolinário Lourenço, Carlos Reis, Carlos Relvas, Fernanda Botelho, Hannah Laura Sampaio, Paulo Rocha Monteiro, Maria da Graça Saraiva (miolo e capa), Ana Cristina Carvalho, Ollem - Turismo Fluvial (marcador).

Capa: Veronique Pipa

ISBN: 978-989-35891-2-0

Gráfica: Gráfica Manuel Barbosa & filhos, lda

Depósito legal: 540179/24

Lisboa, Novembro de 2024

BY THE
BOOK

Edições Especiais, lda
Rua das Pedreiras, 16-4º
1400-271 Lisboa
T. + F. (+351) 213 610 997
www.bythebook.pt

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. – no âmbito do Concurso de Estímulo ao Emprego Científico CEECIND/02152/2017 – contrato com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

This work is financed by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology, I.P., within the scope of the project CEECIND/02152/2017 – employment contract with Nova FCSH, Lisbon.

Este livro tem especial apoio financeiro, mediante candidatura, do Programa LVT+Cultura – Comissão de Coordenação Regional de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

This book has special financial support, through application process, from the Program LVT+Cultura – Commission for Regional Development and Coordination of Lisbon and Tagus Valley, I.P.



CCDR LVT

AGRADECIMENTOS 11

EPÍGRAFES 12

TRECHOS ILUSTRATIVOS 15

Physiologia do Saloio (1858) – A. C. Sotto Mayor,
«O Vento» (1956) – Irene Lisboa

INTRODUÇÃO 21

Introduction

ANA CRISTINA CARVALHO

NATÁLIA CONSTÂNCIO

MARIA DA GRAÇA SARAIVA

ANA LAVRADOR-SILVA

CAPÍTULO 1 39

O Tejo e a paisagem da lezíria.

Notas para um futuro Roteiro Literário

The Tagus and the *lezíria* landscape.

Notes regarding a future Literary Tour

ANA LAVRADOR-SILVA

MARIA DA GRAÇA SARAIVA

CAPÍTULO 2 63

Natureza e monumentalidade nas *Viagens*
garretianas

Nature and monumentality in Almeida

Garret's *Viagens*

ANNABELA RITA

CAPÍTULO 3 81

«À Sombra duma Velha Sé».

Imagens da Leiria queirosiana

«In the Shadow of an Ancient Cathedral».

Images of Queirosian Leiria

ANTÓNIO APOLINÁRIO LOURENÇO



CAPÍTULO 4 97

A Borda d'Água do baixo Tejo: cheias de

Inverno e fosso social no romance *Esteiros*

The riverside of low Tagus: Winter floods
and social gap in the novel *Esteiros*

ANA CRISTINA CARVALHO

CAPÍTULO 5 119

As narrativas ribatejanas de Alves Redol:

etnografia, lirismo telúrico e a codificação
neo-realista

The Ribatejo's narratives by Alves Redol:

ethnography, telluric lyricism
and the neorealist codification

VÍTOR PENA VIÇOSO

CAPÍTULO 6 141

A terra, o rio e o mar na obra romanesca

de Romeu Correia

The land, the river and the sea in the novelistic
work of Romeu Correia

ALEXANDRE MAGNO FLORES



CAPÍTULO 7 155

Bernardo Santareno, *O Pecado de João Agonia*:
o «teatro telúrico e trágico-poético»

Bernardo Santareno, *O Pecado de João Agonia*:
the «teluric and tragic-poetic» theatre

MIGUEL REAL

CAPÍTULO 8 171

Mulheres «fora do lugar»: Lisboa como espaço
de exclusão feminina em *Tanta gente, Mariana*
de Maria Judite de Carvalho

Women «out of place»: Lisbon as a space of
female exclusion in Maria Judite de Carvalho's
Tanta gente, Mariana

ADA MILANI

CAPÍTULO 9 193

Figurações do espaço rural e urbano
na narrativa picaresca de Paulo Moreiras

Figurations of rural and urban spaces
in Paulo Moreiras' picaresque narratives

NATÁLIA CONSTÂNCIO

CAPÍTULO 10 211

O povo, o Tejo, a lezíria... e uma *Flor*,
na escrita de Alves Redol

The people, the Tagus, the *lezíria*...
and a *Flower*, in Alves Redol writing

JOÃO MONTEIRO SERRANO

CAPÍTULO 11 233

Passeio Literário por Sintra:
de Gil Vicente a Maria Gabriela Llansol

Literary tour through Sintra:
From Gil Vicente to Maria Gabriela Llansol

JOÃO MANUEL BERNARDO

AUTORAS E AUTORES 261

CAPÍTULO 9



© Ana Cristina Carvalho



© Carlos Reis

RESUMO

Figurações do espaço rural e urbano na narrativa picaresca de Paulo Moreiras

O presente artigo visa demonstrar a ligação que perpassa em três dos romances pícaros de Paulo Moreiras – *A Demanda de D. Fuas Bragatela* (2002), *Os Dias de Saturno* (2009) e *O Ouro dos Corcundas* (2011) – no que respeita ao papel do espaço geográfico no desenrolar das narrativas. Nestas obras, a abordagem territorial ancora no universo empírico e a descrição paisagística realiza-se pela observação que a viagem física do *homo viator* – aquele que parte à descoberta de si e do mundo – lhe vai desvelando. Ou pelo contraste evidenciado entre espaços interior e exterior, entre meios citadino e rural. Esta análise incide na forma como geografia humana e geografia física se entretecem ao longo das narrativas diegéticas e conclui que existe uma dupla importância da casa na geografia afetiva dos heróis-pícaros: enquanto espaço hostil e como espaço de topofilia, numa dimensão existencial retratada pela temporalidade, a matéria-prima que Saturno domina e, em última instância, reduz ao nada.

Palavras-chave: Romance histórico. Paisagem. Viagem. *Homo Viator*. Topofilia.

ABSTRACT

Figurations of rural and urban space in Paulo Moreiras' picaresque narratives

This paper aims to demonstrate the connection that runs through three of Paulo Moreiras' picaresque novels – *A Demanda de D. Fuas Bragatela* (2002), *Os Dias de Saturno* (2009) e *O Ouro dos Corcundas* (2011 – concerning the role of geographical space in the narratives' progression. In these works, the territorial approach is anchored in the empirical universe and the landscape description is carried out through observation that the physical journey of the *homo viator* – the one who sets out to discover himself and the world – reveals to him. Or through the highlighted contrast between indoor and outdoor spaces, city and rural environments. This approach focuses on the way in which human geography and physical geography intertwine throughout the diegetic narratives. We conclude that there is a double importance of the house in the affective geography of the picaro-heroes: as a hostile space and as a space of topophilia, in an existential dimension portrayed by temporality, the raw material that Saturn dominates and, ultimately, reduces to nothing.

Keywords: Historical novel. Landscape. Travelling. *Homo viator*. Topophilia.

Figurações do espaço rural e urbano na narrativa picaresca de Paulo Moreiras

NATÁLIA CONSTÂNCIO*

nconstancio@fcsh.unl.pt

Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) – Universidade do Algarve

1. INTRODUÇÃO

Historiadores contemporâneos, como Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie e George Duby (1986) reiteradamente sublinham, nos seus textos, a complexa ligação que entrecruza a sociedade real, regida por leis específicas e norteada por determinados valores, e a sua edificação no universo literário (cf. Le Goff, 2000a). A categoria espaço configurada num texto literário não constitui um instrumento de medida do real, traduz, antes, uma construção, não obstante a sua pretensa ancoragem no mundo empírico.

Num estudo centrado sobre o espaço e o discurso, Frederik Tygstrup revela que a experiência literária «est aussi l'expérience d'un universe singulier, avec des lieux, des sensations, des sentiments qui lui sont propres: à savoir des phénomènes qui sont de l'ordre de l'espace plutôt que du temps. Il y a donc bien un espace littéraire; [...]» (Tygstrup, 2003: 57). Enquanto disciplina direcionada para a estrutura e o funcionamento da narrativa, a narratologia ensinou-nos a considerar o espaço da ficção como o enquadramento de ações, como palco de um teatro (re)criado onde elas se desenrolam. Na senda desta teoria, evocamos um dos mais importantes estudiosos e filósofos da paisagem, Michel Collot (2013), que equaciona o conceito de paisagem, remetendo para uma complexa tríade: o local, o olhar e a imagem.

O mundo que habitamos lega-nos diversas concepções do espaço, de construções sociais e históricas que se materializam em quadros de vida e em formações cognitivas e discursivas que os dominam (Tygstrup, 2003: 58).

Mais do que o resultado de uma observação da realidade, a obra literária é um constructo, uma criação, e as noções de tempo e espaço constituem o seu material de construção (*idem*).

Partiremos desta ideia central para desenvolvermos o nosso trabalho, cujo principal escopo será revelar de que modo lugar, paisagem, viagem e linguagem se entrecruzam nas narrativas *A Demanda de D. Fuas Bragatela* (2002), *Os Dias de Saturno* (2009) e *O Ouro dos Corcundas* (2011), do escritor contemporâneo Paulo Moreiras (1969-). Procuraremos refletir sobre a recriação ficcional da paisagem – a geográfica e a humana – captada pela lente do romancista, cuja descrição entrecruza as vicissitudes da por vezes trágica existência humana que as alberga.

2. FIGURAÇÕES NARRATIVAS DO ESPAÇO: ELEMENTO HOSTIL OU LUGAR DE TOPOFILIA

A obra seiscentista espanhola, de autoria anónima, *O Lazarillo de Tormes*, que tem na Vida de Gusmán de Alfarache (1559-1604), de Mateo Alemán, o seu mais representativo exemplar, constitui o primeiro romance picaresco, e serve de base matricial genológica à narrativa ficcional de Paulo Moreiras. O romance castelhano é estruturado em livros, antecédidos de um prólogo, onde o próprio Lazarillo – *narrador autodiegético* (cf. Genette, 1995) – desvela os seus infortúnios, integrados num determinado contexto histórico-social, a que a literatura, como construção, não é alheia. Porque a vida, mesmo tratando-se de uma figuração imaginativa, consubstanciada na arte literária, não pode «ser estudiada fuera del contexto total de la cultura», como sustenta Mikhaïl Bakhtine (2003: 362). A rebeldia do herói-pícaro afirma-o como um indivíduo que tem consciência da oposição do mundo e, ainda assim, ousa desafiar os cânones dominantes (cf. Silva, 1998: 677).

Declarações de Paulo Moreiras numa entrevista ao *Público* (5 de maio de 2022) contradizem a categorização genológica da ficção narrativa romanesca que cria, negando-lhe a inserção no subgénero histórico. Estacionamos diante de uma das mais complexas e multimodas temáticas que norteiam a ficção narrativa histórica hodierna: a construção do discurso e a problematização da abordagem da História. Não obstante alegue que a sua ficção não cumpre os preceitos históricos exigíveis ao género, designadamente a questão da temporalidade, tal asserção não valida nem desvincula os seus textos do género,

de acordo com a teoria romanesca contemporânea. Contrariamente aos preceitos exigíveis para classificar o romance histórico tradicional, em termos genológicos, o romance histórico contemporâneo não tem como principal intuito oferecer uma reconstrução histórica (pretensamente) objetiva nem verídica dos factos que tiveram lugar num passado remoto ou próximo (falamos, *strictu sensu*, de revoluções, guerras, epidemias, situações históricas marcantes para um determinado povo). Avrom Fleishman enfatiza que o romance histórico é considerado como tal quando apresenta determinadas características, sendo uma das mais pertinentes a constatação de que «we find that the protagonists of such novels confront not only the forces of history in their own time, but its impact on life in any time.» (Fleishman, 1971: 15)

De facto, logo no primeiro romance estamos perante textos híbridos, cujas aventuras pícaras se mesclam com um ambiente histórico. Fuas, o protagonista, é filho de um alfaiate. Inconformado com a pobreza, ambiciona ser Cavaleiro – um cavaleiro andante – a quem, qual Quixote, todas as peripécias rocambolescas acontecem. Sob a égide da intertextualidade – os textos sempre convocam outros textos, numa «tessitura polifónica» que os enreda num dialogismo implícito ou explícito (cf. Silva, 1990: 625; Barbéris, 1991) – no irónico discurso que D. Fuas endereça ao filho nascituro, o autor reenvia para uma tripla interação discursiva. Tal como sucede na narrativa épica, que se estrutura com um início *in medias res*, esta aventura pícara é-nos relatada tendo como base um presente incerto, remetendo para uma longa analepse. A temporalidade coincide com a época da peste negra e a diegese expõe uma sociedade dominada pelo caos.

Ação romanesca de *Os Dias de Saturno* tem lugar no século XIX, durante a guerra que entre absolutistas e liberais estalou, no lapso temporal que medeia entre o reinado de Dom Pedro II e o de seu filho, Dom João V. A tessitura narrativa alude aos amores ilícitos de um cavaleiro da Ordem de Cristo e de Leonor, formosa donzela que dá à luz o seu bastardo. Esta, desesperada devido ao repúdio do religioso, tenta afogar a criança no rio Nabão. Lutando fervorosamente pela vida e contra as águas que o arrebanhavam, o recém-nascido é resgatado por Dom Domingos Rodrigues, o Mestre de Cozinha, que o recebe como filho. De um espaço exterior, hostil, catapulta-se para o interior do convento, que albergará a criança até que a mãe adotiva o receba nos seus braços.

Ao estudar a problemática da paisagem e do ambiente, Neal Alexander chamou a atenção para o gradual interesse dos geógrafos na representação paisagística nos textos literários: «Human geographers have long been interested in what literature can teach them about the relationship between humans and the non-human environment; and a well-established strand of

literary criticism considers the role of place, region, and landscape in literary texts.» (2015: 4). O mesmo interesse tem manifestado a área dos estudos literários, em que se insere o presente trabalho.

Tomemos, então, o exemplo da casa de Bebiã Sarmento, viúva e mãe de Vicente, o herói de *O Ouro dos Corcundas*. A descrição remete para um ambiente desfavorecido, no lugar da Bufarda, integrado numa paisagem rural isolada, evidenciando uma espécie de fechamento ou de bloqueio: «casa térrea, de telha vã e paredes de taipa de formigão, com a calça estafada e descascada pelo sol e pela humidade, um pouco distante da estrada, ao cabo de uma pequena ruela [...], recôndita no meio de espessa vegetação e bordejada de castanheiros, carvalhos e azinheiras.» (p. 53). Mas tinha água em abundância, o que, à época, constituía um grande bem: «O que ainda lhe valia era o poço, único tesouro que possuía, uma vez que era abundante de água fresca e cristalina em todas as alturas do ano, ao contrário de outros cuja água era mole e salobra.» (*idem*)

Também no que à obra *Os Dias de Saturno* concerne, a alternância entre o espaço interior e o exterior valida, aos olhos do leitor, a mesma dura sensação de isolamento, não apenas pela localização espacial, mas – e sobretudo – pelo estado anímico de Leonor e pela simbologia necrótica que a ave antecipa no contexto diegético:

A meio daquela húmida manhã, num casebre abandonado algures na floresta, um corvo saltitava sobre as telhas cobertas de musgo, grasnando à procura de pequenos insectos, vermes ou lagartixas. No interior, uma jovem mulher quedava-se nervosa e impaciente, perturbada pelos próprios pensamentos e pelo irritante crocitar da maldita e agourenta ave. (*Os Dias de Saturno*, 2009, ed. 2024: 11)

O marco de referência que integra o microcosmos rural ou o urbano exhibe um outro, o *microcosmos secundário* (Durand, 1989: 168), correspondente à casa. Enquadrada num contexto paisagístico rural, a casa aflora, nas narrativas ficcionais de Paulo Moreiras, enquanto espaço vivenciado, ou, utilizando a terminologia de Michel de Certeau (1980: 201-202), como «lugar praticado», traduzindo a experiência empírica (vivenciada) do espaço. A referência ao lugar surge como recordação de um outro, o espaço da infância, o lugar que reenvia para os afetos e a proteção, ou o espaço de topofilia, e aflora copioso de sensações e de recordações, associadas aos alimentos e a atividades como a caça. Ao jantar na Taberna do Pasquino com Tomásia, a sua amada, que o Destino atirara para a venda do corpo na Venda do Negro, por instantes Vicente:

[S]entiu-se de novo menino e moço, na casa de seus pais, na Bufarda, rememorando as grossas cabidelas que então comia, preparadas com maestria por Bebiana, sempre com mão certa para o sangue e para o arroz – antes de ir à mesa a sua mãe aplicava-lhe um atilado golpe de vinagre de vinho tinto que lhe realçava os sabores. Recordou também as suas primeiras caçadas às perdi- zes, por aquelas extensas e verdejantes cumeadas da serra dos Carrascos, da Mata ou da Nixebrá. (*O Ouro dos Corcundas*, 2011: 140)

O narrador chama a atenção para o ambiente vivenciado no interior da taberna, onde a prostituição e o jogo surgem em paralelo, num espaço onde as refeições e o vinho aguçam a convivência e as (des)artes do engodo. Na noite em que Vicente janta com Tomásia, «As meninas estavam animadas e muito irrequietas – pois os sábados eram dias de casa cheia, o que normalmente augurava bons rendimentos –, roçagando os seus vestidos pelo junco verde que Sebastião Seco espalhava no chão da taberna e dispondo as mesas e as cadeiras para a noite de borga que se avizinhava.» (*O Ouro dos Corcundas*, 2011: 135).

Vários estudiosos conferem uma significação especial à casa, enquanto espaço de topofilia e afetividade. Para Birke e Butter (2019: 122), «The emotive dimension of home pertains to the fact that it is often also considered a feeling or emotional state: ideals of home arguably exert a powerful attraction because they typically feature the home as an affective space that provides the experience of comfort, warmth, belonging and safety». Noutros contextos, embora evidenciando esse lugar dos afetos e de protecção, o espaço remete para a relação dos humanos com a terra e, no caso concreto, a relação da mulher da casa – agora viúva –, com a terra, atividade geralmente ligada à figura patriarcal: «Durante a tarde, enquanto Bebiana Sarmento andava pela terra a tratar das suas plantações e a estrumar os maninhos, preparando-os para novas culturas, Vicente Maria aproveitou para cuidar do seu corpo e banhar-se.» (*O Ouro dos Corcundas*, 2011: 107)

Já a janela constitui um elo que potencia a ligação com o espaço exterior, numa perspetiva que reflete o estado interior e anímico de felicidade das personagens, aflorando rico em sensações: «Vicente desviou as cortinas por completo e abriu as gelosias de madeira para que o ar fresco entrasse. Ao longe ouviam-se os pássaros a chilrear e o restolhar das folhas nas árvores sopradas pelo vento.» (p. 50)

O quotidiano e os afazeres domésticos femininos atestam a importância da vida privada, na intimidade do lar, do sentimento aconchegante de infância que é acordar com o cheiro do pão confeccionado pela mãe. Em *Os Dias de Saturno*, numa manhã fresca de um domingo nebuloso, os sinos «repicavam por toda a cidade, chamando os fiéis aos primeiros serviços religiosos.

Saturnino acordou com o adocicado cheiro do pão acabado de cozer por Fátima.» (2024: 52). À semelhança da proteção associada à casa familiar, espécie de útero materno que alberga os rebentos, na obra *O Ouro dos Corcundas*, certo dia, num passeio à feira, Tomásia abriga-se na igreja, na vila do Avelar: «queria entrar para rezar uma prece ao Espírito Santo, pedindo-lhe protecção e bonança para as suas vidas futuras.» (p. 165)

Numa asserção *simplista*, ainda que centrada na reflexão de grandes pensadores sobre a temporalidade, a literatura, tal como a música, é considerada uma arte que se desenvolve – e desenrola – no tempo. E enfatizamos o adjetivo, porque o romance contemporâneo tende a subverter a linearidade do tempo e a figuração euclidiana do espaço. Aliás, depois da definição de cronótopo artístico proposta por Mikhaïl Bakhtine (2003), espaço e tempo tornaram-se categorias inextricavelmente indissociáveis.

A consciência da transitoriedade manifesta-se também, nestes romances de Paulo Moreiras, através da ruína dos espaços de habitação. O fogo encomendado por Castro e Santos devasta a casa da mãe de Vicente, calcinando o lar e a moradora. Ignorando a sua proveniência – que Leonor oculta – Saturnino e Lúcia, sua meia-irmã, envolvem-se amorosamente, de forma incestuosa, consumando o ato físico. Numa espécie de enclausuramento do espaço, que se vai afunilando, o fogo accidental que se inicia na cozinha devasta a casa de Leonor, calcinando mãe e filha, numa imagem funesta e simultaneamente catártica, de clara tradição romântica: «Num ape, como fogo na palha, as labaredas atearam-se pelo xaile que lhe cobria as costas e enrodilharam-se nos seus trajes, estralejando luzentes faíscas, ora de tons laranja, ora avermelhados.» (*Os Dias de Saturno*, 2024: 222). As cinzas simbolizam a morte, física ou psicológica. Quando, no dia seguinte, Saturnino chegou «ao Poço do Borratém, à Travessa das Cristaleiras, constatou que a casa de Lúcia se resumia agora a um amontoado de escurecidos escombros, numa amálgama de destroços e entulhos, como se Lúcifer ali tivesse pernoitado com as suas legiões» (*ibidem*).

A casa dos pais de criação de Saturnino – o espaço afetivo – não desaba, no sentido literal, mas a morte do pai acarreta a solidão a Fátima, a mourisca que tanto o amou. A caminhada final do protagonista sanciona a experiência temporal conotada pelas emoções e valida a filosofia coeva que entrelaça tempo e espaço, enquanto categorias inseparáveis, tornando-o vítima de Saturno, a outra face do Tempo, que, impiedosamente, tudo consome. Ao passar no Chiado, tocaram os sinos do alto da torre da Igreja do Loreto: «Sentiu-se devorado pela própria fábula que os homens haviam inventado acerca daquele deus e compreendeu que o tempo, afinal, não era nada.» (*Os Dias de Saturno*, 2024: 224).

Nas três narrativas ficcionais, os heróis-pícaros de Paulo Moreiras acabam desamparados, pois a sua ligação ao espaço matricial é, de alguma forma, corroída: o pai de D. Fuas esventra a sua mulher e o amante desta; Xamoa, avó do rapaz, nega-lhe hospedagem. Indo ao encontro das ideias preconizadas por Gaston Bachelard (1978), Gilbert Durand esclarece que a casa corresponde sempre a uma imagem «da intimidade repousante, quer seja templo, palácio ou cabana» (1989: 244). E, no caso de D. Fuas, esse aconchego é-lhe negado, facto que, inevitavelmente, potencia as (des)venturas que o Destino lhe traz.

3. O MOTIVO DA VIAGEM

A propósito da criação artística e da figuração da paisagem na narrativa ficcional, numa entrevista de Rocío Tudela a Elena Poniatowska, a escritora declara que «La novela responde a una realidad como tú la percibes, [...] y responde a un momento también y responde a tu capacidad de inventiva.» (Tudela, 2001: 358). Como temos vindo a salientar, partimos do axioma de que qualquer narrativa ficcional se insere num determinado topos espacial. Não se trata, objetivamente, de uma reprodução, mas de uma representação da realidade tal como é (a) percebida pelo autor ou pela voz narrativa que a projeta. Num estudo realizado por Michael Riffaterre (1990: 3), enfatiza-se que um sistema de sinais – um sistema semiótico – remete sempre para outros: «[E]xterior referentiality is but an illusion, for signs or sign systems refer to other sign systems».

Jorge Fernandes Silveira considera a literatura portuguesa a expressão de dois movimentos: «Um movimento de ir, fixado em três conteúdos-chave: VIAGEM PAISAGEM LINGUAGEM. E um movimento de volta, fixado em três conteúdos-chave: LINGUAGEM PAISAGEM VIAGEM» (Silveira, 2018: 179). As três obras em estudo – *O Ouro dos Corcundas*, *A Demanda de D. Fuas Bragatela* e *Os Dias de Saturno* – remetem para uma temporalidade histórica, e a viagem física ou o trânsito contínuo por determinados lugares – uma sua variante – frequentemente instaura ou desencadeia as mais rocambolescas peripécias narrativas. A atividade discursiva e linguística das obras aponta, também, para o que Miguel Real (2024: 17) designa como «um autêntico fogo de artifício lexical e semântico, resgatador tanto deste (difícilimo) subgénero literário quanto do verdadeiro espírito de aventura a que o romance histórico esteve classicamente ligado.»

O *Ouro dos Corcundas* inicia-se com o regresso a casa de um salteador libertado da prisão do Limoeiro pelas tropas liberais de D. Pedro, que se insurgia contra as hostes miguelistas. Antes disso, estivera preso em Leiria, de onde fugira: «Com Vicente Maria escapuliram-se também os seus dois companheiros de cela: um foi para a cidade do Porto, outro seguiu para as lonjuras do Alentejo. Vicente preferiu refugiar-se em Lisboa, vagamundeando naquela imensa metrópole de povo [...]» (p. 51). O herói regressa a casa, após tomar conhecimento da morte do pai, determinado a reorganizar a sua vida. Mas o passado e a inveja alheia logram em não lho permitir e um dia, cansado da má sina, junta-se a uma quadrilha de gatunos e assalta uma carruagem de nobres. Ironicamente, a riqueza com que se deparam era, afinal, o tesouro do Reino.

O motivo da viagem, do passeio ou da fuga constitui uma das temáticas mais relevantes na obra de Paulo Moreiras e, em muitas circunstâncias aludidas, reenvia para a problemática das relações sociais e das hierarquias. No romance *Os Dias de Saturno*, certa manhã domingueira, Mestre Domingos Rodrigues, que então se encontrava com o amigo, o Doutor Curvo Semedo, no Convento de Cristo, decidiu partir a conhecer os campos situados nos arrabaldes, junto ao rio Nabão, que

[B]anhava Tomar e alimentava diversos lagares de azeite e moinhos que pelas margens se achavam. Queria aproveitar o passeio para também procurar pelos maninhos ingredientes silvestres com que pudesse depois confeccionar iguarias de excepção, obsequiando o Prior-Mor, talvez, com uns cardos cozidos ou à italiana. (*Os Dias de Saturno*, 2024: 42)

Domingos consegue uma montada-cavalo nas cavalariças do convento. Dirige-se para o rio. Ao analisar a relevância do ato percetivo do sujeito, que o liga intimamente à paisagem que observa, Charles Avocat refere que «Le paysage renvoie au sujet qui l'appréhende» (1984: 13, *apud* Buescu 1990: 66). Naquela manhã em que encontra o menino, Domingos Rodrigues desceu «pela encosta até à vila, cruzou pela Várzea Pequena e dirigiu-se para o rio, no limite onde passava a Estrada Real. Dali seguiu para norte, observando os valados de olivais que se estendiam, entre hortas e quintais, por todas as redondezas até aos seus termos.» (*Os Dias de Saturno*, 2024: 42).

Ao imergir no ambiente rural, o narrador descreve uma envolvente paisagem fluvial, com notações telúricas, de uma terra (ainda) não conspurcada pelos humanos. Pregnante de oliveiras, tordos e peixes, o espaço irradia serenidade, num claro apelo às sensações: «Dali seguiu para norte, observando os valados de olivais que se estendiam, entre hortas e quintais, por todas as redondezas até aos seus termos. Uma revoada de tordos passou por ele, sobre

as copas das oliveiras, em grosso chilreio.» Aproximou-se das margens do rio e «nele topou bogas, barbos e bordalos que enchiam as águas com abundância.» (*Os Dias de Saturno*, 2024: 42).

A apreciação do eclipse pelas personagens assume outra evidência, inegável, que vai ao encontro desta asserção e que reenvia para um minucioso e aturado conhecimento da natureza animal existente na região: «Quando as vistas alcançaram os antigos muros da Vila de Tomar, estranhou que a claridade do dia se tivesse começado a esvaír com lentidão. [...] Nem um único animal se ouvia ou mirava; nem rola, corvo ou pega-rabuda, nem melro, pica-pau, gaio ou pardal sequer, nada.» (*Os Dias de Saturno*, 2024: 14).

Regressando a *O Ouro dos Corcundas*, exhibe-se a caminhada para o esconderijo onde se encontra o tesouro do reino, expondo a sua localização, escolhida por Tó Alfrocheiro. Situado na foz do ribeiro do Caldeirão, evidencia a flora existente na localidade: «num fundeiro de um vale recoberto de pinheiros e carvalhos, perto da ribeira do Ximpeles, a norte da freguesia de Aguda, no concelho de Maçãs de D. Maria, no velho engenho da Machuca.» (pp. 215-216). É uma inequívoca referência a uma toponímia real, ao tempo: a freguesia da Aguda faz ainda hoje parte do concelho de Figueiró dos Vinhos e Maçãs de D. Maria é atualmente uma freguesia do concelho de Alvaiázere. Nesse lugar existira uma fábrica de fundição de ferro, conhecida como «o engenho real d'el-rei», onde se manufaturavam «pregos, munições e peças de artilharia para as armadas reais.» (*O Ouro dos Corcundas*, 2011: 216). Fora encerrada por ordem do Marquês de Pombal e, conseqüentemente, tudo se degradou: «os aparelhos e maquinismos enferrujaram-se, os edifícios ruíram ou foram saqueados, e o povo socorreu-se das telhas, das madeiras, das cantarias e de tudo o que lhe pudesse valer naquele fim de mundo para melhorar as suas próprias habitações.» (*ibidem*: 216).

A temática da viagem domina a obra *A Demanda de D. Fuas Bragatela*: a viagem que se inicia em Trancoso tem como nota referencial lugares como Avelar, Coimbra, Salamanca ou Campo Maior. A obra edifica, em si, uma viagem contínua, um constante percurso em demandas diversas. O narrador parte em busca de uma vida menos hostil e todas as peripécias estranhas e rocambolescas lhe sucedem. A acrescentar aos inúmeros exemplos, citamos um que reenvia para o ambiente social, em Coimbra:

Ao virar uma esquina demos com os narizes numa rua cheia de tabernas e bodegas, que nunca em vida minha tinha visto tantos ramos de loureiro sobre as portadas, e em todas elas pululava grande número de gente, nenhuma estava às moscas. [...]

Era Coimbra a cidade dos estudantes, bacharéis e licenciados, e todos eles por aquelas ruas tinham cadeira onde estudar e professor, que às vezes se aprende mais com o vinho do que nas melhores cartilhas. (*A Demanda de D. Fuas Bragatela*, 2002: 203-204)

Vai em demanda do tesouro de Monte Maior – as lendárias e temidas Arcas de Montemor-o-Novo. Ocultas no castelo, uma guarda o tesouro; a outra, a peste. Por isso ninguém se atreve a ir lá. Mas D. Fuas modifica a tradição, indo ao encontro da arca da fortuna e da sua própria Fortuna. A determinada altura, o protagonista e os gémeos Carrapato atravessam uma espacialidade deserta, remetendo para a temática da peste que dizimou tantos seres, durante a Idade Média. A atmosfera, desoladora e pestífera, agiganta-se, a seus olhos: «Quando chegámos à povoação parecia esta uma vila fantasma, sem vitalma, nem um cão, nem um pássaro. Só o vento dava sinal. Fomos avançando e espreitando as casas. Ninguém, não se via ninguém.» (*A Demanda de D. Fuas Bragatela*, 2002: 180).

A paisagem retratada nos textos literários – mesmo sendo um constructo, fruto da imaginação de quem a descreve – assume uma relevante manifestação da natureza histórica do lugar. Maria Helena Buescu (1990: 193) problematiza a relação que entre paisagem e os humanos se estabelece, ao referir que uma paisagem se constitui como um *acontecimento* que o sujeito constrói na história. E Michel Collot descreve a pertinência da paisagem nestes termos:

A paisagem aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do económico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade. A paisagem nos fornece um modelo para pensar a complexidade de uma realidade que convida a articular os aportes das diferentes ciências do homem e da sociedade. (Collot: 2013: 15)

Em *Os Dias de Saturno*, a ambiência destaca-se, também, pelo labor dos proletários e acentua as duras condições de sobrevivência da época, demonstrando notoriamente a *décalage* social de diferentes mundos que coabitam na mesma cidade. Atentemos na descrição da Estalagem da Ribeira das Naus:

A Estalagem do Cachimbo ficava mesmo à borda d'água, na Ribeira das Naus, voltada para os estaleiros e a praia com o mesmo nome, entre diversas baiucas que também por tais paragens existiam, pouso habitual da mestrança de

oficiais mecânicos, marinheiros, barqueiros de ganhar, arrais, petintais ou galeotes que ali andavam a ganhar o pão de cada dia.

Na indústria náutica da Ribeira labutava uma fauna de bargueiros, remolares, cordoeiros ou esparaveiros, e ainda mestres, pilotos, grumetes e mulheres que faziam a estopa para os calafates, assim como operários que trabalhavam na querena dos navios e que pelas tabernas do lugar saciavam os sequiosos gorgomilos ou metiam ao estômago alguma sorte de ração, esquecendo os rigores e misérias dos seus mesteres. (*Os Dias de Saturno*, 2024: 177-178)

Albert Thibaudet classificou como *romances urbanos* aqueles em que a cidade surge não apenas como um quadro geral, onde se desenrola a ação, mas enquanto lugar pitoresco, que exhibe as vivências das personagens e oculta os seus segredos (cf. Silva, 1988: 703). Ao deambular pela cidade, à noite, o narrador de *Os Dias de Saturno* apresenta Lisboa como uma cidade perigosa, propensa ao crime, e sem luz:

[E]scura, sombria, mal iluminada [...]. As poucas luzes que se achavam pelas estreitas e tortuosas ruas provinham das velas ou luminárias acesas em honra dos santos e oragos, distribuídas pelos cantos das ruelas em nichos e oratórios, que não ofereciam a segurança necessária a quem por elas a desoras pretendesse passar. Os delitos costumavam ser frequentes e a horas minguadas seria mais do que provável suceder um encontro com um bando de ratoneiros, uma quadrilha de embuçados ou a ronda dos corregeiros do crime e os seus beaguins. (*Os Dias de Saturno*, 2024: 109)

Outras vezes, figura como uma cidade labiríntica, prenhe de habitantes, numa extensa enumeração que evidencia o emaranhado populacional, os hábitos iníquos da gatunagem e a falta de higiene, propícia à disseminação de doenças:

[I]lustríssima, pejada como um ovo, viviam em Lisboa povos de distintas raças, provindos de todas as partes do globo: flamengos, italianos, franceses, ingleses, espanhóis, tudescos, galegos, mouros, judeus, negros, chins. A cidade fervilhava de vida e trabalho, contudo achava-se imunda, escura e infestada de ratoneiros que a qualquer hora do dia ou da noite andavam à cata de algum descuidado peralvilho, pintalegrete ou labroste. Nos dias quentes, o ar tornava-se espesso e abafado, com um cheiro a imundícies e dejectos que envolvia todas as ruas, vielas e betesgas do burgo. Somente para as bandas de São Roque e da Cotovia se apanhavam ares renovados, frescos e impolutos. (*Os Dias de Saturno*, 2024: 51)

Mas a imagem diurna de Lisboa, soalheira e majestosa, indiferente à inveja dos seus habitantes, a cidade que Ulisses edificou, não se anula face à outra, malsã e esclerosada. Nas obras trazidas à colação, muito especialmente nos romances *Os Dias de Saturno* e *O Ouro dos Corcundas*, a deambulação das personagens corresponde a uma das mais relevantes estratégias de apresentação ou menção do espaço, e aponta para espaços urbanos centrais de Lisboa, tendo como pano de fundo a beleza do Tejo, que apela ao sonho. Ou para uma ambiência de exotismo espetacular e cosmopolita, típica da interação cultural que deriva dos Descobrimentos, evidenciando danças, momices e outras atividades artísticas que incluíam animais de grande porte oriundos de outros continentes. Durante os seus passeios pela cidade, Saturnino e Lídia:

[C]ostumavam também visitar confeitarias ou pastelarias e, com gulodice, deliciavam-se a comer bolos de maçapão ou de amêndoa, broinhas de mel ou pastelinhos de nata, a verdadeira perdição de Lídia. [...] Para desenojarem e não ficarem com os estômagos engulhados com tantas gulosinas, bebiam limonadas ou refrescos de alcaçuz à beira do Tejo, mirando os vastos horizontes na banda de além e os navios que partiam para diferentes latitudes e longuras. (*Os Dias de Saturno*, 2024: 163-164)

Dias havia em que o casal de enamorados se passeava pelo Rossio ou pelo Terreiro do Paço e se deparava com grupos de saltimbancos «divertindo o povo com malabarismos, acrobacias e cabriolas, com bobos, dançarinas e músicos tocando cítaras, pífaros e charamelas.» (2011: 163) Entre as diversas recreações e habilidades, «achavam-se anões que eles atiravam pelos ares como se fossem abóboras rodopiantes, ou então cuspidores de fogo ou ursos amestrados, com golinhas e borlas vermelhas penduradas pelo corpo.» (*ibidem*)

Na obra *O Ouro dos Corcundas*, El-rei D. Miguel outorga a liberdade a Vicente Maria – sob a condição do exílio. Assim embarcam no porto de Lisboa Quitéria, Pasquino, Vicente Maria e Tomásia, a caminho de Nova Iorque, num navio inglês. Surgindo de forma antonomástica, a dupla referência – ao Tejo e à Torre de Belém – evoca a monumentalidade da grandeza pretérita lusa: «depois de este partir, vogando pelas águas do Tejo, Tomásia abeirou-se da amurada e contemplou as colinas de Lisboa com o seu casario espreado até ao rio. Os campos dos termos da cidade foram surgindo [...], junto às praias do Restelo, onde a Torre de Belém se erguia com majestade» (pp. 268-269).

4. CONCLUSÃO

Pela análise dos romances hodiernos, os teóricos literários têm vindo a enfatizar que a vivência humana constitui um trajeto único e singular, não apenas no que à temporalidade concerne, mas, também, pelas experiências que a ligam ao(s) espaço(s) e às sensações que lhe são adstritas. Ainda que possam ancorar num universo real, tendo como pano de fundo o mundo empírico, os enunciadados literários retratam universos alternativos e possíveis, estruturas imaginárias que oferecem outra imagem de realidade do mundo, não uma cópia fiel do mesmo, declaram Pozuelo Yvancos (1993) ou Renée Wellek e Austin Warren (s/d). A poesia não copia a realidade, redefine-a, desenha-a, no âmbito do labor artístico do autor. Imprime-lhe uma nova estrutura, uma nova imagem. Constrói-a. Encontramo-nos no domínio da *poiesis*, da criação artística, que à História se obriga a contar a verdade (Foley, 1986; Hutcheon, 1989; Yvancos, 1993).

A paisagem retratada nos três romances trazidos à colação remete, concomitantemente, para a paisagem humana e a paisagem geográfica, desvelando, *pari passu*, a consciência crítica de uma sociedade desigual e arbitrária. A determinada altura, a espacialidade remete para a vida quotidiana de uma Lisboa georreferenciável: o Chiado, o Rossio, o Terreiro do Paço, o Tejo, os botequins na Ribeira das Naus exemplificam algumas das referências toponímicas ancoradas numa realidade geográfica efetivamente existente. Nesta circunstância, a evidência do lugar reiteradamente apresenta imagens opressoras de ambientes desumanos e potencialmente irredentores. Outras imagens plasam uma natureza vívida, onde aves e animais convivem harmoniosamente, numa ruralidade distante de Lisboa, como é o caso de Tomar, cujo Convento de Cristo e os arrabaldes territoriais são descritos com grande frescura e limpidez, remetendo frequentemente para os vários sentidos: a visão da límpida água do rio Nabão; o chilreio dos pássaros; o mergulho dos peixes, a extensão dos olivais, as serranias ou as florestas densas, os caminhos de terra batida e as estradas reais. Inúmeras outras localidades com ancoragem no universo real figuram nos romances analisados: zonas do concelho de Figueiró dos Vinhos, Alvaiázere, Trancoso ou Coimbra. O nosso estudo incidiu, sobretudo, em áreas correspondentes a Lisboa, Tomar, Montijo ou à Outra Banda, por se tratar de concelhos localizados entre o Ribatejo e a Estremadura.

Os romances de Paulo Moreiras que analisámos apresentam uma estrutura actancial similar. Trata-se de heróis-pícaros, cujo relato de vida é focalizado, em D. Fuas, a partir de uma narrativa autodiegética e, no caso dos romances subsequentes, a partir de um foco heterodiegético, para recorrer à terminologia de Gérard Genette (1995). O motivo da viagem favorece a multiplicidade de descrições, alternando entre os espaços abertos e os confinados,

que reenviam quer para o *modus vivendi* e o quotidiano das personagens, quer para os ambientes que frequentam e que socialmente as definem: a pobreza, o engodo, a prostituição, a hipocrisia com que os elevados agentes do reino maltratam, com os seus lacaios, a justiça.

No decurso da(s) diegese(s), transita-se entre diferentes e inúmeras espacialidades. Exemplos há que remetem para lugares interiores pouco acolhedores e exibem ambiências de perversidade ou de rudeza. Alguns espaços redimem a sociedade e a angústia dos indivíduos, ao calcorrearem os trilhos que os conduzem ao amor, o maior dos tesouros. Ou quando se destacam quadros de vivência afetuosa da casa, enquanto lugar de topofilia, abrigando os filhos e os sonhos que Saturno, a metáfora do Tempo, ou os muitos invejosos, pretendem demolir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ativas

MOREIRAS, Paulo (2002). *A Demanda de D. Fuas Bragatela*. Navarra: Círculo de Leitores.

MOREIRAS, Paulo (2024 [2009]). *Os Dias de Saturno*. Alfragide: Casa das Letras. Edição revista, corrigida e aumentada.

MOREIRAS, Paulo (2011). *O Ouro dos Corcundas*. Alfragide: Casa das Letras.

Passivas

ALEXANDER, Neal (2015). «On Literary Geography». In *Literary Geographies I* (1), 3-6.

BACHELARD, Gaston (1978). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Editorial Abril S.A. Cultural e Industrial.

BAKHTINE, Mikhaïl (2003 [1983]). *Estética de la creación verbal*. México: Edición Siglo Veintiuno Editores.

BARBÉRIS, Pierre (1991). *Prélude à l'utopie*. Paris: PUF-Écriture.

BIRKE, Dorothee & BUTTER, Stella (2019). «Imaginative Geographies of Home». In *Literary Geographies* 5(2), 118-128.

BUESCU, Helena Carvalhão (1990). *Incidências do Olhar. Percepção e representação*. Lisboa: Caminho.

BUESCU, Helena Carvalhão (2012). «Paisagem literária: imanência e transcendência». In C. REIS, J. A. BERNARDES e M. H. SANTANA (Coord.), *Uma Coisa na ordem das coisas* (pp. 193-203). Coimbra: Imprensa da Universidade: <http://hdl.handle.net/10316.2/38688> (cons. a 20.07.2020)

CERTEAU, Michel (1998[1980]). *A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

- DIREITINHO, José Riço. «Paulo Moreiras: Escrevo acerca de um Portugal que acabou». *Jornal Público*: 5 de Maio de 2022: <https://www.publico.pt/2022/05/05/culturaipsilon/noticia/paulo-moreiras-escrevo-acerca-portugal-acabou-2004685> (consult. a 14.10.2024)
- DURAND, Gilbert (1989). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa: Presença.
- COLLOT, Michel (2013). *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel.
- FLEISHMAN, Avrom (1972 [1971]). *The English Historical Novel – Walter Scott to Virginia Wolf*. Baltimore and London: The Johns Hopkins Press.
- FOLEY, Barbara (1986). *Telling the Truth. The Theory and Practice of Documentary Fiction*. Ithaca and London: Cornell University Press.
- GENETTE, Gérard (1995, 3.^a). *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Vega.
- GOFF, Jacques le, LADURIE, Le Roy e DUBY, Georges (1986). *A Nova História*. Lisboa: Edições 70.
- GOFF, Jacques le (2000). *História e Memória*. 2 Vols. Lisboa: Edições 70.
- HUTCHEON, Linda (1989 [1985]). *Uma Teoria da Paródia*. Lisboa: Edições 70.
- REAL, Miguel (2010). «Romance. Em busca de um novo cânone». In *Dossier Temático*. «Estado da arte 2000/2010, *Revista Letras Com Vida – Literatura, Cultura e Arte*, n.º 2, pp. 16-17. Lisboa: CLEPUL/FLUL.
- REAL, Miguel (2024). «O romance português 1974-2024», *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique*: <http://journals.openedition.org/chrhc/23853> (conc. 23.08.2024).
- RIFFATERRE, Michael (1990). *Fictional Truth*. The Johns Hopkins University Press: Baltimore & London.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (1998, 8.^a). *Teoria da Literatura*. Vol. I, Coimbra: Livraria Almedina.
- SILVEIRA, Jorge Fernandes da (2018). *Memorial de Jorge da Silveira*. Rio de Janeiro: Desalinho.
- TUDELA, Rocío Oviedo Pérez de (2001). Entrevista a Elena Poniatowska. «Palabra y tierra». *Anales de Literatura Hispano Americana* 30: 341-358. Facultad de Filología. Servicio de Publicaciones Universidad Complutense.
- WELLEK, René e WARREN, Austin (s/d.). *Teoria da Literatura*. 5.^a Edição. Lisboa: Publicações Europa- América.
- YVANCOS, José María Pozuelo (1993). *Poética de la ficción*. Madrid: Editorial Síntesis.

*No âmbito do Projeto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental, co-coordenado com o historiador Daniel Alves (IHC-NOVA-FCSH).